

VERSION PORTUGAISE

O que aconteceu em Pequim foi inesperado. Mas é lógico que, se ele tivesse me dito, eu não teria insistido. Virei a noite a ler os papéis, na verdade um diário que ele escreveu na forma de uma longa carta à mulher no Brasil, e que nunca enviou. E foi só então que a história se esclareceu aos meus olhos. A instrução vinha de Brasília. Um velho empresário, inválido e viúvo, com evidente influência nos bastidores do poder, estava desesperado com o desaparecimento do único filho fazia meses, na Mongólia, e tinha pedido ao Itamaraty que tomasse as devidas providências e o ajudasse a encontrá-lo. A instrução que recebi era inequívoca. Vinha do gabinete da Presidência. O embaixador me telefonou do Rio para confirmar que eu havia entendido a prioridade daquela missão. Tínhamos que mandar alguém à procura do rapaz. Por razões que não estavam explícitas e que a nós não cabia discutir, não queriam que as autoridades mongóis fossem avisadas, pelo menos num primeiro momento. Não queriam que se configurasse uma missão oficial. Não sei do que podiam desconfiar nem do que estavam se precavendo. O fato é que o enviado teria que agir como investigador sob o disfarce de simples turista, já que não tínhamos representação diplomática na Mongólia. Conversei com o vice-cônsul durante o almoço num restaurante que costumávamos freqüentar, em Ritan, rodeados de russos e outros diplomatas, à beira do parque. Expus o caso, disse que era urgente e extraordinário, e ele se mostrou receptivo, me tranqüilizou, não tinha o menor problema. Não parecia constrangido com o caráter anormal da missão. Iria à Mongólia. Perguntou o nome do rapaz. Eu não lembrava. Disse-lhe que deixaria o dossiê completo na sala dele. Não era muita coisa, alguma correspondência entre o pai do desaparecido e o Itamaraty, o nome e o telefone do guia mongol que havia acompanhado o rapaz em sua viagem e com quem já tínhamos feito um primeiro contato por telefone, e uma fotografia — aliás, com aquela aura de mistério que os retratos dos desaparecidos costumam adquirir sem que no fundo haja mistério nenhum. Voltei à embaixada sozinho. Ele tinha alguma coisa para comprar em Yabaolu, se não me engano, antes de retomar o trabalho depois do almoço. Pedi à secretária que deixasse na mesa dele tudo o que tínhamos recebido sobre o caso e fui resolver outros problemas. No meio da tarde, ele foi à minha sala, com a expressão transtornada e o dossiê na mão. Eu estava no telefone. Pedi que entrasse e sentasse. Ele estava nervoso. Não conseguia parar quieto. Achei que tinha acontecido alguma coisa terrível. Me preparei para o pior.

Bernardo Carvalho, *Mongólia*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.